

SARAMAGO E PEPETELA: SEUS CONTEXTOS EX-CÊNTRICOS

MANTOLVANI, Rosangela Manhas¹

RESUMO:

Os romances Memorial do Convento, de Saramago, e A gloriosa família: o tempo dos flamengos, de Pepetela, recontextualizam espaços e ambientações históricas que se encontram esvanecidos ou excluídos da história oficial em suas escritas ficcionais, permitindo que seus narradores assumam vozes capazes de construir contextos e discursos que consideramos como ex-cêntricos.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria – materialismo histórico – literaturas de língua portuguesa – novo romance histórico

Introdução

A gloriosa família: o tempo dos flamengos (1992), de Pepetela, e *Memorial do Convento* (1982), de Saramago², apresentam tanto semelhanças quanto diferenças básicas na construção de seus espaços ficcionais, que tratam de representar tanto o contexto urbano – Luanda, séc. XVII, e Lisboa, séc. XVIII – quanto o contexto do campo: as vilas afastadas e o interior – Massangano e o reino de Jinga, no território angolano, e a Vila de Mafra, em Portugal -, de forma a produzir singularidades nas imagens criadas pelas ficções que recuperam as histórias do passado. A reconstrução espacial por meio dessas escritas contrapõe uma série de elementos nos seus enunciados, de maneira que as focalizações dos narradores tratam de redirecionar o olhar do leitor para os contextos históricos *ex-cêntricos*, até então silenciados pela historiografia oficial. A escrita de Saramago e também a de Pepetela procuram não apenas recontextualizar esses lugares e a ambientação de cada época - esgarçados e miscíveis às demais categorias narrativas -, mas principalmente, tratam de resgatar a mobilidade dos diferentes grupos sociais nesses espaços e suas atuações em cada momento histórico.

1. Limites teóricos

Esta abordagem comparativa exige que se delimite em primeiro lugar algumas questões, principalmente as que se referem ao sentido do termo **contexto**, tendo em vista seus diferentes usos: contexto social, contexto político, contexto histórico, entre outros. Advertimos que, neste caso, a palavra 'contexto' refere-se exclusivamente ao que se relaciona com os enunciados vinculados à apropriação da história oficial e sua refacção tanto dos aspectos miméticos quanto dos ficcionais nos momentos de produção dos romances.

A escrita ficcional dos autores lê a contrapelo os registros oficiais, produzindo dialeticamente uma oposição entre as idéias dominantes desses períodos históricos³ - as idéias estruturadoras da ideologia do “capital mercantil-escravista” (PIRES; COSTA, 2000, p. 90), como integrantes do modelo imperialista - e as práticas antitéticas das instâncias dos poderes centrais em relação aos grupos afastados desses centros, aqui considerados ex-cêntricos, desvelando nos textos dos autores tanto as

¹ Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH – USP- Universidade de São Paulo/- Centro de Estudos Portugueses/ Bolsista CAPES.e-mail: mantolvani@gmail.com

² Datas referentes às primeiras edições dos dois romances aqui abordados. *Memorial do Convento*, cuja primeira edição data de outubro de 1982, e *A gloriosa família*, publicado pela primeira vez em 1992.

³ Refere-se aos períodos históricos do passado e recuperados na ficção, em que os narradores afirmam as mazelas dessas ideologias como recurso para desmascará-las e expô-las à reflexão crítica, questionando tanto sua validade quanto suas consequências históricas.

referências à estrutura quanto à superestrutura, compreendidas no interior da teoria do materialismo histórico (HARNECKER, 1983, p. 93-98) presente nas criações artísticas.

Outro esclarecimento diz respeito ao uso do vocábulo *ex-cêntrico*, empregado por Linda Hutcheon (1988, p. 85-103). Lembremos que, para a crítica, o termo designa o contexto e os discursos que negam o centro, mas “aspiram a ele”, sendo percebido como um espaço discursivo marginal. Esse sentido utilizado pela teórica não se presta a iluminar o termo utilizado neste trabalho, tendo em vista as profundas diferenças entre as margens do chamado “centro” em nossa contemporaneidade e as margens no contexto do terceiro mundo. É justamente nesse ponto que pretendemos separar o conceito utilizado aqui do sentido atribuído a ele pela teórica canadense. Tendo em vista que o termo é usado por outros teóricos com outros sentidos, como por exemplo, Rosemary Jackson (2001, p. 16), procuramos utilizá-lo de acordo com seu sentido original, ou seja, nomear “o que se encontra fora ou afastado do centro”.

Neste trabalho, o *ex-cêntrico* refere-se exclusivamente a um contexto histórico resultante dos contatos coloniais estabelecidos entre os impérios ibéricos (e outros) e as colônias, abordados por romancistas em suas criações acerca das reflexões sobre a refacção da história, desvelando as mazes ideológicas, sob o enfoque do materialismo histórico.

Assim, um contexto histórico *ex-cêntrico* é visto como um contexto excluído dos registros históricos oficiais ou, ainda, do qual constam nesses apenas alusões, de maneira que a ficção possa encarregar-se de sua reescrita e reinscrição, ou seja, sua reformulação em termos lógicos e, também, imaginários. A inscrição desses espaços no interior de um romance histórico (como é o caso das duas ficções aqui abordadas) pressupõe a necessidade da inserção em nível textual dos reconhecidos contextos do centro, ou seja, das instâncias de poder, de forma a elaborar uma retórica em que a contradição encontre-se imediatamente presente e visível, por meio de uma abordagem dialética e, também dialógica, nas ficções.

Para ilustrar essa opção dos autores pelos contextos que se encontram afastados do centro, ou do poder central, tratamos não apenas do espaço, mas principalmente da posição dos narradores em relação à reconstrução desses contextos históricos, de maneira a ressaltar que assumem determinadas posturas na escrita, iluminando suas tendências em favorecer ou desfavorecer certas formações sociais e ideológicas.

Em *Memorial do Convento*, vários pesquisadores inscreveram o narrador como heterodiegético ou onisciente, inclusive verificando suas possibilidades homodiegéticas. No entanto, preferimos neste trabalho observar como esses narradores se posicionam, por meio do viés do “cômico e do sério” (BAKHTIN, 1988 p. 415-417) na focalização, relativamente aos fatos e personagens na narrativa, de maneira que, em muitos momentos, aproximam-se ou se afastam de certos acontecimentos e personagens, impregnando a narrativa com um discurso que enfatiza a opção pela denúncia da exploração da mão-de obra escrava ou servil.

2. Narrador ex-cêntrico

A posição do narrador em relação ao que ele conta pode ser observada quando este, ao focalizar os espaços do centro, como o Palácio do Rei D. João V no contexto do início do século XVIII, assume uma escrita em que a ironia se faz presente, mantendo uma posição de afastamento, construindo predominantemente o cômico, em muitos momentos, de tal maneira que a aura mítica e de afastamento, atribuída pela história oficial a esse local se esvaneça, maculada pela falta de virtude e da própria soberania, transformando-o em algo vulgar e medíocre, sujeito à reprovação e à reavaliação. Assim, procura desvelar a estrutura do Império e a origem de seu capital, proveniente das relações extra-territoriais, ou seja, o capital escravista-mercantil:

mas, se é de globo mundo que se trata e de império e rendimentos que impérios dão, faz o infante D. Henrique fraca figura comparado com este D. João, quinto já se sabe de seu nome na tabela dos reis, sentado numa cadeira de braços de pau-

santo, para mais comodamente estar e assim com outro sossego atender ao guarda-livros que vai escriturando no rol os bens e as riquezas, de Macau as sedas, os estofo, as porcelanas, os lacados, o chá, a pimenta, o cobre, o âmbar cinzento, o ouro, de Goa os diamantes brutos, os rubis, as pérolas, a canela, mais pimenta, os panos de algodão, o salitre, de Diu os tapetes, os móveis tauxiados, as colchas bordadas, de Melinde o marfim, de Moçambique os negros, o ouro, de Angola outros negros, mas estes menos bons, o marfim, que esse, sim, é o melhor do lado ocidental da África, de São Tomé a madeira, a farinha de mandioca, as bananas, os inhames, as galinhas, os carneiros, os cabritos, o indigo, o açúcar, de Cabo Verde alguns negros, a cera, o marfim, os couros, ficando explicado que nem todo o marfim é de elefantes, dos Açores e Madeira os panos, o trigo, os licores, os vinhos secos, as aguardentes, as cascas de limão cristalizadas, os frutos, e dos lugares que hão de vir a ser Brasil o açúcar, o tabaco, o copal, o indigo, a madeira, os couros, o algodão, o cacau, os diamantes, as esmeraldas, a prata, o ouro, que só deste vem ao reino, ano por ano, o valor de doze a quinze milhões de cruzados, em pó e amoedado, fora o resto, e fora também o que vai ao fundo ou levam os piratas, claro está que este todo não é o rendimento da coroa, rica sim, mas não tanto, porém tudo somado, de dentro e de fora, entram nas burras de el-rei para cima de dezasseis milhões de cruzados, só o direito de passagem dos rios por onde se vai às Minas Gerais rende trinta mil cruzados, tanto trabalho teve Deus Nosso Senhor a abrir as valas por onde as águas haviam de correr e vem um rei português cobrar portagem gananciosa. (SARAMAGO, 1982, p. 218-219)

Ao revelar a estrutura de poder econômico do império português e as relações desse centro com a sociedade, composta por trabalhadores esfomeados, denuncia a assimetria entre as idéias e as práticas do contexto histórico. Nas construções ficcionais aparecem as denúncias de certas práticas que se inscrevem nas histórias da vida privada e desafiam o pensamento de época, ao revelar que o rei católico descumpra as normas religiosas em relação à acumulação e à distribuição de riquezas, ironizando suas atitudes em relação à sociedade, desmitificando o cenário do poder. Assim, o narrador articula uma relação dialética por meio da técnica do cômico, articulado à paródia e à ironia. Faz questão de enumerar, ainda, a quantidade enorme de tesouros, principalmente trazidos de fora, que incluem objetos e homens entre seus valores, ou seja, o homem como mercadoria. À personagem do rei o narrador não poupa ironias e, em tom jocoso, revela sutilmente as incoerências do poder, de maneira a desvelar a ganância, a ambição e a desumanidade, cujo contraponto é o contexto de miséria em que se encontra o trabalhador português à beira da servidão, e o desperdício e desvio de todos esses bens materiais, investidos nas coisas da fé, em detrimento dos aspectos humanos.

A relação das mercadorias e suas origens revela a posição do Império português – que pode ser visto como representativo de outros Impérios, tanto da época como de outras épocas – e suas relações com as colônias, contextos ex-cêntricos, os locais de onde provinham as riquezas das elites européias, de forma a concretizar na escrita uma relação histórica extra-territorial entre espoliadores e espoliados, já naquele momento histórico, o do capital escravista-mercantil.

No outro extremo do sistema encontra-se a mão-de-obra, os produtores das riquezas, no espaço do ex-cêntrico, ou seja, o povo pobre e trabalhador, desprovido de necessidades básicas, e utilizando apenas a sua força-de-trabalho. Para tratar desse contexto, o narrador assume o tom do sério, em contraponto à técnica do cômico, como revela ao focalizar a posição de Baltazar entre os homens que precisam trazer uma imensa pedra de Cheleiros até Mafra, um capricho das construções megalomaniacas das elites:

Como foi, digam-no outros que mais saibam. Seiscentos homens agarrados desesperadamente aos doze calabres que tinham sido fixados na traseira da plataforma, seiscentos homens que sentiam, com o tempo e o esforço, ir-se-lhes aos poucos a tesura dos músculos, seiscentos homens que eram seiscentos medos de ser, agora

sim, ontem aquilo foi uma brincadeira de rapazes, e a história de Manuel Milho uma fantasia, que é realmente um homem quando só for a força que tiver, quando mais não for que o medo de que lhe não chegue essa força para reter o monstro que implacavelmente o arrasta, e tudo por causa de uma pedra que não precisaria ser tão grande, com três ou dez mais pequenas se faria do mesmo modo a varanda, apenas não teríamos o orgulho de poder dizer a sua majestade. É só uma pedra, e aos visitantes, antes de passarem à outra sala, É uma pedra só, por via destes e outros tolos orgulhos é que se vai disseminando o ludíbrio geral, com suas formas nacionais e particulares, como esta de afirmar nos compêndios e histórias, Deve-se a construção do convento de Mafra ao rei D. João V, por um voto que lhe nascesse um filho, vão aqui seiscentos homens que não fizeram filho nenhum à rainha e eles é que pagam o voto, que se lixam, com perdão da anacrônica voz. (SARAMAGO, 2001, p. 248)

A antítese do comportamento real e seu sossego soberano no espaço do poder, a contar os tesouros do Império, é a articulação enfática do narrador, na escrita, sobre o valor do trabalho humano, bem como de suas condições materiais, na construção de obras de arte da arquitetura colossal, onde o suor e o cansaço dos pobres e ludibriados, incluindo Baltasar e seus amigos, aparece como o grande construtor do imenso edifício, uma referência às grandes construções, marcas históricas do poder institucional religioso e estatal.

Esse discurso do narrador ex-cêntrico, detentor de “anacrônica voz”, instaura-se por meio dos construtos dialéticos, opondo-se não somente às idéias da historiografia oficial mas às do próprio “intradiscurso” (PÊCHEUX, 1988, p. 166), apresentando uma clara opção pelo contexto da margem: o do trabalho e das inglorias dos pobres e rotos que não constam nos registros detalhados da história oficial. Nessa passagem, o narrador de Saramago faz questão de enfatizar o pensamento de época, assim como no anterior. Já aqui se observa que a personagem portadora das virtudes esperadas pela igreja e pela sociedade da época é Baltazar, e não D. João V. Isso, graças à focalização do narrador e sua opção pelo viés do cômico-sério. Nesse, e em muitos outros momentos da escrita, o narrador faz questão absoluta de desmascarar a ideologia de época, opondo de forma antitética as marcas do abismo entre as classes dominantes e a plebe.

Essa forma de apresentar os espaços pelo viés do cômico e do sério, assim como a focalização das personagens também é uma técnica utilizada por Pepetela em *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*, de tal maneira que o Palácio dos Governadores apareça como o lugar em que a ironia encontra seu *locus* privilegiado:

O director fez um gesto de desalento, não sei se desesperado pelo estado financeiro da Companhia das Índias Ocidentais, se por ter de autorizar uma quase heresia ao facilitar a fuga do chefe dos católicos. Mas tinham de chegar ao tráfico de dez mil escravos por ano, número atingido regularmente pelos portugueses para o Brasil. Tinha prometido aos acionistas depois de o Nassau ter ordenado a ocupação de Luanda, exportaremos tantos escravos quanto os portugueses faziam antes. Ou chegavam perto dos dez mil ou o seu emprego se esfumava. Ao dizer o sim, Hans Molt ousou erguer os olhos para Van dum e este leu neles um brilho muito especial. Mas o meu dono, pouco observador como sabemos, não descobriu ser o bilho da cobiça, proibida pela ideologia de Calvino. Julgou ser o do fanatismo religioso, muito semelhante ao que ataca os olhos quando apanhamos paludismo. (PEPETELA, 1992, P. 126)

A narrativa, tal como a de Saramago trata da origem do capital escravista-mercantil, observa aqui por um outro ângulo: o do valor do homem como mercadoria. As riquezas dos acionistas da Companhia das Índias Ocidentais, a maioria holandeses, contavam com a ação da superestrutura, ou seja, a empresa e o exército formado por mercenários e outros enviados a Angola para assegurar o transporte da mão de obra escrava, garantia de geração de matéria processada, ou seja, a cana-de-

açúcar nos engenhos, que reverteria em riqueza após o comércio, garantindo os lucros dos investidores. Já aqui encontramos o protótipo das atuais multinacionais de sociedade anônima por ações, incumbidas da reprodução do capital financeiro em diferentes países do globo⁴.

No exerto se observa a corrupção no espaço do poder, uma vez que tramam liberar um poderoso adversário, o governador português Pedro César de Meneses, certos que este colaboraria com a continuidade do tráfico de homens, ou seja, em interesse próprio. Suas idéias e práticas em relação à ambição e à cobiça, como indica o trecho, revelam não somente que essas práticas não coadunam com a ideologia calvinista, mas denunciam, como em Saramago, a origem da riqueza das elites européias em um contexto mercantilista cuja dependência das colônias instauram o mesmo abismo entre espoliadores e espoliados.

Como indicam alguns estudiosos (Frye (1957), Hutcheon (1991), Forster (1969), entre outros), a ironia pode se encontrar explícita no texto, ou implícita, de maneira que somente o leitor seja capaz de detectá-la, como o que ocorre nesse trecho, quando o diretor da Companhia das Índias Ocidentais desvela as verdadeiras intenções da invasão, ou seja, garantir a remessa de mão-de-obra escrava para as elites portuguesas no Brasil-Colônia, com o objetivo de assegurar a produção e exportação de cana-de-açúcar para a Europa, especialmente em Pernambuco.

Pepetela desvela, então, por meio da ironia, que o espaço do poder, independentemente de qual estrangeiro o ocupe, estará sempre contaminado pelo interesse mais escuso e degradante e sempre relacionado à geração de lucro e riquezas. A mentalidade da época também se encontra explícita, de maneira que não há no interior do Palácio dos Governadores, reconstruído e observado pela voz do narrador-escravo, qualquer ser humano que não compreenda o tráfico de escravos como prática natural, por isso o aborda pelo viés do cômico, enfatizando que Van Dum não é observador, enquanto o olhar de Hans Molt não é o de um calvinista convicto e praticante de suas crenças como deseja fazer crer.

O contraponto a essas idéias encontra-se, em muitos momentos, no intradiscurso. Destacamos a focalização do narrador em relação às penas de muitos escravos, atribuindo ao romance um valor que marca seu posicionamento. Primeiro, por encontrar-se ele mesmo em uma posição marginalizada e, segundo, por ser capaz de parecer imparcial, não o sendo, mas posicionado em relação ao materialismo histórico como construtor da história dos grupos e classes, e gerador de interesses em torno de riquezas, como ilustra o enunciado sobre a partida dos prisioneiros brancos, capturados em Massangano, ao compará-los com os escravos no momento do embarque, destacando a diferença no tratamento dado a uns e outros:

Era, no entanto, bastante diferente de uma partida de escravos. Os escravos seriam muitos mais e todos acamados no mesmo compartimento, mas não me refiro ao número. Os escravos iam acorrentados e calados, numa passividade para lá do desespero. E uma partida de escravos não tinha público, só interessava ao comerciante que os despachava, ninguém pararia para ver uma chalupa cheia de escravos a caminho de um barco negreiro. Estes prisioneiros brancos conseguiam despertar pena mesmo nos que consideravam seus inimigos. Os prisioneiros negros nem isso, só a indiferença que as coisas alheias geram. (PEPETELA, 1999, p. 75)

O narrador em primeira pessoa de Pepetela não economiza na ironia ao comparar os escravos, prisioneiros em partida para as terras e o trabalhos forçados do Novo Mundo a estes brancos, prisioneiros e adversários, capazes de despertar piedade, enquanto os negros só despertavam a indife-

⁴ Já Marx previra esse estágio atual contemporâneo do capital prevalecendo em nível internacional, exercendo um controle sobre a consciência (propagação de ideologia), ou seja, disseminando a alienação. Diz ele: (...) os indivíduos singulares, com a extensão da atividade para uma atividade histórico-mundial, tornam-se cada vez mais submetidos a um poder que lhes é estranho (uma pressão que representavam como uma travessura do assim chamado espírito universal, etc.), um poder que se torna cada vez maior e que se revela, em última instância, como mercado mundial. (MARX; ENGELS, A ideologia alemã. São Paulo: Grijalbo, 1977, p. 54)

rença. Essa técnica empregada pelo narrador, ao comparar pela analogia, provoca a reação do leitor, uma vez que produz, sob a aparente indiferença no processo de escrita pelo viés do sério, a reflexão, desmascarando as idéias pré-concebidas sobre raça e classe no século XVII.

A ironia se encontra implícita nesta construção. Claro que a relação entre o dono e o escravo se baseia no abismo entre um grupo e outro, admitindo que o escravo não integrasse uma classe, seria mais preciso falar em casta, de acordo com Linda Heywood⁵. De forma sutil, e muitas vezes despercebida, o escravo narrador vai revelando, aparentemente sem intenção qualquer, as imensas diferenças entre os tratamentos oferecidos aos inimigos e aos cativos, sem colocar-se absolutamente na posição de vítima. Ao contrário, é sua pretensa neutralidade ao escrever sobre esses abismos entre senhores e escravos que constitui o “fio da navalha” da ironia, repleta de sutilezas e armadilhas.

3. Contexto ex-cêntrico

Assim, em *Pepetela*, o contexto ex-cêntrico, ou seja, aquele que se encontra afastado do poder associado com o Império colonizador (e isto diz respeito tanto a portugueses quanto a holandeses), encontra-se justamente ligado à própria história e origem do narrador, o qual teria vindo do Reino de Jinga, onde fora criado pela irmã da soberana, a Mocambo, uma mulher de grande coração que o criara como filho, depois que sua mãe, uma escrava, havia sido vendida. Em certa ocasião, a rainha Jinga recebeu Van Dun e acreditou que o holandês era de fato um inimigo dos portugueses, por isso presenteou o mentiroso com o escravo que, anacronicamente, por um efeito maravilhoso, transforma-se em narrador.

É importante esclarecer que, embora situando-se como contexto ex-cêntrico em relação ao centro de poder ocidental (representado por holandeses e portugueses), o Reino da Matamba, ou delJinga, constitui-se, também, como um centro de poder no interior do território, embora um poder que se constitua, muitas vezes, como “resistência” ao estranho. E é justamente o reino dessa soberana que se impõe como empecilho, tanto aos objetivos dos holandeses quanto aos dos portugueses, tendo em vista que, em determinado momento, a soberana ordena a suspensão imediata do tráfico de escravos, principalmente os de seus súditos. Por isso, enfrenta o reino do Kongo e também os jagas. Os últimos vinham favorecendo a permanência dos portugueses, através de acordos paralelos com certas chefias locais. Em momento posterior, alia-se ao reino do Kongo e aos holandeses para expulsar os portugueses:

Mais tarde soubemos, os portugueses consideraram traição o facto de Ngola Kiaito [um soba jaga] ter deixado um exército inimigo [dos holandeses] se tivesse instalado em suas terras, lhes chegando a dar alimentos. Chamaram-no a Massangano para conversar. O triunvirato interrogou-o e condenou-o à morte. (...) De alguma forma se tinha de pagar o susto que Massangano sofreu, com os inimigos tão perto (...) e todos os mujimbos alarmistas de que os mafulos atravessaram o Lucala aqui, agora atravessaram ali, e a rainha Jinga vem atrás, desta vez é que ela vai se vingar de tanto que lhe temos feito, olha as nossas cabeças a irem para o rio, rio este tornado mar vermelho de sangue (...) Massangano desta vez se safou, mas até quando? (PEPETELA, 1999, p. 296-297)

E Jinga dizia ou nos juntamos e os vencemos agora, ou passo a suspeitar que os mafulos são exactamente iguais aos portugueses, que só seguem os seus próprios interesses. Por iniciativa de Jinga ainda, o rei do Kongo se comprometeu a enviar um poderoso exército para o sul do Dande, que se juntaria às tropas da rainha e aos mafulos⁶. (...) (Idem, p. 298)

⁵ Africanista. Professora do *Department of History and African American Studies Center*, da *Boston University*, no mini-curso *Culturas Africanas em Sociedades Coloniais no Atlântico*.

⁶ Nome com que os portugueses e os angolanos da terra denominavam os holandeses

O contexto ex-cêntrico n' *A gloriosa família* pode ser considerado como uma série de espaços (a ilha de Luanda, o reino de Jinga, e os sobas jagas, etc.), ex-cêntricos em relação ao poder das metrópoles ocidentais, mas que também funcionam como pequenos centros de poder local, onde se encontram as personagens que negociam em termos de igualdade com os estrangeiros. Desses espaços ex-cêntricos, encontra-se excluído Baltazar Van Dum, pois este acha-se mais que comprometido com quase todos os grupos, e transita entre holandeses, portugueses, congoleses e chefias locais, ou seja, é a figura representativa do “negociador” que, de fato, defende apenas seus próprios interesses.

Vista sob essa perspectiva, a Casa Grande constitui-se como espaço ligado ao centro, um lugar intermediário entre os invasores e a população desprovida de direitos: os escravos e seus intermináveis trabalhos. A Casa Grande encontra-se ligada ao centro por concentrar grande poder local: o da negociação e a arte da política, dos vínculos de amizade e clientelismo, além de compactuar com as idéias dos invasores; enquanto as cubatas, o quintal, os matos, os kimbo e o jardim é que se constituem como espaços periféricos e afastados do poder central, mas sujeitos àquele. Entre o espaço do centro e o ex-cêntrico transita a enigmática personagem Baltazar Van Dun, que prima pelos “negócios”, verdadeiro representante da mentalidade burguesa do capital escravista-mercantil, já arraigada no território naquele momento histórico: meados do século XVII.

Já em Saramago, as casas ocupadas pelos trabalhadores, as barracas do acampamento de Mafra, a casa de Blimunda, a quinta do duque de Aveiro e a própria Passarola é que figuram como espaços ex-cêntricos. Nestes, a convivência dos simples é apontada pelo viés do sério, de forma geral. É nestes locais em que os discursos que desmascaram a ideologia dominante da época são articulados, embora não se possa dizer que exista qualquer espécie de afrontamento organizado em termos de ação, a não ser pela negação da própria crença em relação aos dogmas e práticas do catolicismo. Transitando entre os espaços do centro e do ex-cêntrico encontra-se a personagem Bartolomeu Lourenço de Gusmão, padre brasileiro, nascido em Santos – SP, teólogo e cientista. Inventor, recebe do rei certa quantia para tratar de um outro invento, a Passarola, tendo em vista que já havia realizado outros projetos importantes. O contexto ex-cêntrico também não se encontra vinculado a um único espaço, por isso destacamos apenas um deles, a Abegoaria na Quinta:

quando chegaram, dizíamos, o padre apeou-se, tirou uma chave do bolso e abriu o portão, como se estivesse em casa sua. Fez entrar a mula, que levou para uma sombra, (...) Todas as portas e janelas do palácio estavam fechadas, a quinta abandonada, sem cultivo. A um lado do pátio espaçoso ficava um celeiro, ou abegoaria, ou adega, estando vazio não se podia saber que serventia fora a sua, pois para celeiro lhe faltavam tulhas, para abegoaria onde estariam as argolas, e adega não a há sem tonéis. Esta porta tinha um cadeado onde entrava uma chave tão recortada como escrita arábica. O padre retirou a tranca, empurrou a porta, afinal não estava vazia a grande casa, viam-se panos de vela, barrotes, rolos de arame, lamelas de ferro, feixes de vimes, tudo arrumado por espécies, em boa ordem e, ao meio, no espaço desafogado, havia o que parecia uma enorme concha, toda eriçada de arames, como um cesto que, em meio fabrico, mostra as guias do entrançado. (SARAMAGO, 2001, p. 63-64)

(...) e que seria do Padre Bartolomeu Lourenço se aqui entrassem os dominicanos que o sermão lhe encomendaram, e dessem com esta passarola, este maneta, esta feiticeira, este pregador a burilar palavras e talvez a esconder pensamentos, que esses não os veria Blimunda nem que jejuasse um ano inteiro. (Idem, p. 89)

O espaço da Quinta do Duque de Aveiro, especialmente o da abegoaria, pode ser considerado ex-cêntrico, pois em seu interior é que se organizará o contexto de resistência ao fanatismo religioso observado e criticado pelas vozes no interior do romance. Nele, o materialismo histórico e os valores da natureza humana se encontram em confronto direto com os valores da fé. É no interior da Quinta onde as crises de fé e as dúvidas sobre as idéias canonizadas pela Bíblia e pela época costu-

mam tomar forma na mente científica do Padre Voador. Nesse contexto concretizam-se pelo viés do sério, por meio dos discursos das personagens e do narrador, as possíveis heresias, as práticas censuradas e as blasfêmias inadmitidas pelos discursos das instituições de poder no contexto do início do século XVIII em Portugal.

Conclusão

O confronto entre uma história dos homens, a partir de suas formas de vida e suas relações com o trabalho e os produtos desse trabalho, e uma ou outra história, construída a partir da vida dos homens e suas relações com idéias da religião, da moral, da crença se instala na escrita, desvelando os aspectos do materialismo histórico, propiciando a reflexão sobre as relações do homem com as suas formas de produção de riquezas e de pensamento e, ainda, com a construção de sua própria história, pois, segundo Marx:

Desde o início mostra-se, portanto, uma conexão materialista dos homens entre si, condicionada pelas necessidades e pelo modo-de-produção, conexão esta tão antiga quanto os próprios homens – e que toma, incessantemente, novas formas e apresenta, portanto, uma “história”, sem que exista qualquer absurdo político ou religioso que mantenha os homens unidos. (MARX; ENGELS, 1977, p. 42)

Reconhecidas as filiações dos autores Saramago e Pepetela ao pensamento teórico marxista, parece bastante evidente que suas criações literárias, ou seja, suas construções artísticas, tratem de elucidar as relações entre os homens e seus percursos pela história e o materialismo que lhes determina suas formas de produção, bem como suas consequências no passado e seus reflexos no futuro.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e estética*. (A teoria do romance). Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo. Editora Unesp/Hucitec, 1988.
- CERDEIRA DA SILVA, Teresa Cristina. *Entre a ficção e a história: uma saga de portugueses*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- FORSTER, Edward Morgan. *Aspectos do Romance*. Trad. Maria Helena Martins. Porto Alegre: Ediotora Globo, 1969.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.
- HARNECKER, Marta. *Os conceitos elementares do materialismo histórico*. Teoria. 2ª ed. São Paulo: Editora Global, 1983.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. História; Teoria; Ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.
- JACKSON, Rosemary. *Fantasy: The literature of subversion*. 7ª reimp. London-New York: Routledge, 2001.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. (Feurbach). trad. José Carlos Bruni; Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora Grijalbo, 1977.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi... et al. Campinas. Editora da Unicamp, 1988.
- PEPETELA. *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- COSTA, I. del Nero da.; PIRES, J. M. "A fórmula do capital escravista-mercantil". *Estudos Econômicos*, v. 24, n. 3, p. 527-532, set/dez. 1994.
- SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*. 26ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.